

## A ROTA LITERÁRIA DO ALGARVE: uma rota improvável

SÍLVIA QUINTEIRO<sup>1</sup>  
RITA BALEIRO<sup>2</sup>

Recebido em 31.07.2019  
Aprovado em 30.09.2019

---

### Resumo

Neste capítulo, começamos por apresentar a Rota Literária do Algarve (RLA), o contexto da criação desta proposta e os seus principais objetivos. Num segundo momento, descrevemos alguns dos itinerários que a compõem, salientando as suas características, o seu processo de construção e as estratégias adotadas. Num terceiro momento, a partir da experiência de produção de passeios literários, apresentamos uma proposta metodológica de construção de itinerários literários. Na secção final, enfatizamos o potencial que estes passeios podem ter em contexto escolar, na ocupação dos mais idosos, na formação de guias locais e na promoção dos autores algarvios junto de um público internacional.

**Palavras-chave:** Rota Literária do Algarve. Construção de itinerários literários. Algarve. Turismo literário.

### 1. Introdução

Quando, em 1950, o escritor transmontano Miguel Torga escreveu *Portugal*, dedicou o penúltimo capítulo deste livro ao Algarve. Nesse texto, o Algarve é descrito como um destino de férias por excelência e uma região “onde tudo é fácil, belo e primaveril” (1950, p. 132). Também, neste texto, Torga descreve o Algarve como um lugar onde a “literatura não pontifica” e um território no qual o “esquecimento arquiva a desgraça” (1950, p. 134). Por outras palavras, na visão de Miguel Torga, o Algarve é um lugar onde, para além de

---

<sup>1</sup> Universidade do Algarve, Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo. Centro de Estudos Comparatistas da Universidade do Algarve. [smoreno@ualg.pt](mailto:smoreno@ualg.pt)

<sup>2</sup> Universidade do Algarve, Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo. Centro de Estudos Comparatistas da Universidade do Algarve. [rbaleiro@ualg.pt](mailto:rbaleiro@ualg.pt)

não existir literatura, também não existe história nem memória; é um deserto cultural a que restam as belezas naturais e o clima ameno.

Passadas quase sete décadas sobre a publicação da obra de Miguel Torga, a imagem do Algarve perante os que o visitam persiste em muitas destas dimensões. Um estudo de 2014 sobre a imagem do destino turístico Algarve junto dos visitantes estrangeiros, antes mesmo de viverem a experiência turística, assim o atesta, pois revela que os atributos “bom clima” (indicado por 51,3% dos respondentes) e “boas praias” (apontado por 45,9%) são os que melhor definem o Algarve (Matos, 2014, p. 182). Na escala decrescente de respostas surgem, de seguida, os atributos “destino tranquilo”, “bonitas paisagens naturais”, “povo acolhedor”, “destino feliz”, “destino seguro”, “boa gastronomia”, “bons acessos”, “limpeza”, “bom alojamento”, “bons preços” e “boas atrações turísticas”. Apenas em décimo quarto lugar (num total de dezoito), são indicadas as “atrações culturais interessantes”, assinaladas por menos de um quarto dos visitantes (20,9%). Se estes dados são, até certo ponto, expectáveis – já que num destino turístico de sol e praia, como é o Algarve, o bom tempo e o mar são percecionados como os atributos que melhor o caracterizam – eles são mais surpreendentes, quando sabemos que, depois da experiência turística no Algarve, esta percentagem desce para 17,1% (Matos, 2014, p. 183), confirmando a atualidade das palavras de Torga. Ou seja, mesmo estando conscientes de que a geografia física é a primeira dimensão de atratividade de um destino (Crouch & Ritchie, 1999, p. 146), e que as expectativas de encontrar atrações culturais na região do Algarve são baixas, impressiona saber que os visitantes, depois de passarem férias no Algarve, levam a imagem de um Algarve com tão pouco interesse do ponto de vista cultural. Isto é, indubitavelmente, também um reflexo da pouca valorização dos recursos culturais algarvios enquanto recurso turístico.

Na realidade, apesar de na primeira década do século XXI ter havido, por parte do Ministério da Economia e da Inovação, bem como do Turismo de Portugal, apostas na dinamização da cultura, nomeadamente através da criação de programas de promoção cultural – como o programa *Allgarve*, em vigor entre 2007 e 2012, e o vigente *365 Algarve*, criado em 2016 – cujo objetivo foi diversificar e complementar a oferta turística de modo a concorrer para a criação de novas dimensões na imagem do destino Algarve (Guerreiro, Vale & Mendes, 2011), a realidade é que os eventos culturais existentes ainda não têm uma dimensão que

os torne internacionalmente conhecidos e, talvez por esse motivo, não são notórias as alterações na imagem do destino turístico Algarve, nomeadamente, junto dos visitantes estrangeiros (veja-se o estudo de Matos, 2014, acima citado). Também a este propósito, já em 2013, um estudo sobre os impactos do programa *Allgarve* concluía que o conceito não ecoou na perceção que a maioria dos consumidores turísticos tem sobre a região (Bernardo, 2013, p. 117).

Não obstante a dificuldade de afirmação do Algarve como destino de turismo cultural, esta província detém naturalmente uma cultura própria a preservar e a divulgar, uma arquitetura única a exhibir e desenvolve, ainda assim, um conjunto de atividades culturais que importa divulgar. Efetivamente, ainda que, em termos de turismo cultural, a única atração turística grandiosa e de reconhecimento internacional do Algarve seja a Fortaleza de Sagres (identificada não só com os Descobrimentos e a figura do Infante de Sagres, mas para muitos estrangeiros também com outras figuras que por ali passaram, como o pirata Francis Bacon e o almirante Horatio Nelson), há muitos outros pontos de interesse que, pelo seu valor histórico, estético e literário, são merecedores de uma maior atenção e de promoção turística.

Adicionalmente, e no que se refere à literatura, o Algarve é a terra-natal de diversos e consagrados autores como sejam Lídia Jorge, António Ramos Rosa e Nuno Júdice, mas também de muitos outros que, sendo menos conhecidos do grande público, têm uma obra que guarda as memórias dos algarvios e das suas paisagens, que conta a sua história e nos fala das tradições de um povo e do seu modo de ser, como por exemplo Cândido Guerreiro ou João Lúcio. Como tal, foi a partir das obras destes autores, mas também das de outros autores portugueses não nascidos no Algarve, mas que sobre ele escreveram, que decidimos construir a Rota Literária do Algarve.

Trata-se de uma rota composta por dezasseis itinerários literários disseminados pelo território algarvio, que serão disponibilizados ao público gratuitamente, através de um *website* próprio, em quatro línguas – português, inglês, francês e espanhol –, financiada pelo Orçamento Participativo de Portugal (OPP 2018). Cada itinerário é uma narrativa sobre um determinado local do Algarve. Um texto criado a partir da interseção dos textos literários selecionados, maioritariamente de autores algarvios, com o espaço físico e com aspetos

como a história, a demografia, a gastronomia, os mitos e as tradições, as atrações turísticas ou as pessoas. Cada itinerário constitui, assim, a narração do local em que se desenrola, gerando um mapa literário desse local.

Na secção que se segue, passamos a apresentar seis dos itinerários da RLA que já estão prontos: Alte, Sagres, Silves, Estoi, São Brás de Alportel e Ameixial. Os restantes dez itinerários encontram-se em construção em Faro, São Bartolomeu de Messines, Olhão, Monchique, Cacela, Alcoutim, Tavira, Loulé, Lagos e Vila Real de Santo António.

## **2. Os itinerários literários**

### **2.1 Passeio literário Cândido Guerreiro: O poeta de Alte**

Este foi o primeiro passeio que desenhámos e fizemo-lo na pitoresca aldeia de Alte (uma aldeia da beira-serra algarvia, de aproximadamente 2000 habitantes). As coordenadas da sua construção foram a biografia e os poemas de Cândido Guerreiro (3 dezembro 1871 - 11 abril 1953): um autor de poemas apaixonados, um homem carismático e o primeiro doutor da aldeia, que chegou inclusivamente a presidente da Câmara de Loulé. Apesar de haver na aldeia diversas referências e homenagens a Cândido Guerreiro (painéis de azulejos com os seus poemas, um busto do poeta, uma rua e uma escola com o seu nome e um polo museológico com o seu espólio), antes da produção do itinerário, não havia à disposição dos visitantes um instrumento de leitura de alguns destes lugares, de modo a que tivessem um significado associado a Cândido Guerreiro e que, por sua vez, permitisse tanto aumentar o potencial de atração turística da aldeia, como promover o conhecimento deste autor. Assim, depois de um trabalho de pesquisa sobre este poeta e a sua aldeia, de diversas visitas à aldeia para identificar os lugares do autor, de entrevistar habitantes locais, de ler os textos literários e de verificar as instruções de direções, bem como a razoabilidade das distâncias do percurso, produzimos um itinerário linear, com sete pontos de paragem, com um quilómetro e meio de extensão, que pode ser percorrido a pé no espaço aproximado de duas horas.

**Figura 1** – Jardim de Alte. Inauguração do Passeio literário Cândido Guerreiro: O Poeta de Alte.



Os pontos de paragem assinalam os lugares que inspiraram o poeta a escrever os seus primeiros poemas (a Fonte Grande), os lugares nos quais a aldeia homenageou o seu poeta (Fonte Pequena e o polo museológico), a casa onde Cândido Guerreiro nasceu, a igreja na qual foi batizado e a sepultura onde jaz (no cemitério local). Em cada um destes pontos de paragem seleccionámos um soneto do autor, ao qual os visitantes podem aceder através de uma aplicação de leitura de QR Codes disponíveis em pequenas placas metálicas afixadas nestes sete lugares da aldeia. Apenas um dos sete pontos de paragem não está diretamente relacionado com a vida deste poeta: o da Rua dos Pisadoiros. No entanto, foi nossa opção ainda assim assinalar e incluir este ponto de paragem, pois considerámos ser esta uma oportunidade para lembrar umas das principais atividades da aldeia: o trabalho do esparto. Segundo Hélder Raimundo, nesta rua “ecoou durante muito tempo, o som das maçãs de pisar o esparto [...]”. Demolhado nas levadas da ribeira e enxuto nas suas margens, o esparto era depois pisado horas a fio, nas ruas e largos da aldeia e sobretudo na Rua dos Pisadoiros [...]. À noite [...] as mulheres torciam-no entre as suas mãos calosas,

numa delicada e fina baracinha. O resultado do seu labor seria depois comercializado pelos donos do esparto, em Benafim e Loulé, como objetos funcionais do nosso quotidiano: ceirões, cabos, sacos de rede, alcofas, tapetes...” (1995, s.p.). Trata-se, portanto, de uma referência importante para o conhecimento do quotidiano de Alte em finais do século XIX e princípios do século XX que incluímos uma vez que, apesar de Cândido Guerreiro e de os seus poemas serem o mote para a construção deste passeio literário, pretendemos que esta seja também uma oportunidade de conhecer a história da aldeia e dos seus habitantes.

## 2.2 Passeio literário do promontório de Sagres

Este itinerário foi construído no promontório de Sagres, na ponta sudoeste do Algarve (Monumento Nacional e distinguido pela União Europeia, em 2015, com a Marca do Património Europeu). Graças à sua localização geográfica, este é um local de grande beleza natural e um símbolo dos Descobrimentos Marítimos portugueses e de um dos seus fundamentais mentores: o Infante D. Henrique (Porto, 1394 – Sagres, 1460). Por todas estas razões, esta fortaleza tem sido fonte de inspiração para escritores, tanto dos que nasceram no Algarve, como Lídia Jorge e Manuel Teixeira Gomes, como dos de outros pontos do país, como, por exemplo, José Saramago, Manuel da Fonseca, Miguel Torga, Raul Brandão, Sophia de Mello Breyner Andresen, José Galvão Balsa e Fernando Pessoa.

**Figura 2** – Fortaleza de Sagres. Placa com o poema “Horizonte”, de Fernando Pessoa



A definição dos pontos de paragem deste itinerário foi, de certo modo, mais célere e fácil do que nos outros itinerários, pois, de alguma forma já estavam indicados pelos mapas disponibilizados na Fortaleza. Assim, e à grande semelhança destes, os locais de paragem são o Padrão de homenagem ao Infante D. Henrique; a Igreja de Nossa Senhora da Graça; a Bateria Nova; a Instalação “Voz do Mar”; a Cadeira do Infante; os canhões; a Rosa dos Ventos e o exterior da Fortaleza de Sagres a partir do qual o visitante tem vista para o Cabo de São Vicente. No entanto, foi bastante mais desafiador o processo de seleção da informação histórica, acima de tudo, por ser muito vasta e complexa.

O processo resultou, então, num percurso pedonal circular, de dois quilómetros, que acompanha o perímetro da fortaleza.

### 2.3 Passeio literário de Silves

Este itinerário foi desenhado em Silves, uma das cidades mais antigas do território nacional e um local no qual a presença árabe e a herança medieval são ainda muito evidentes na arquitetura, nas ruas estreitas da cidade velha e nos seus monumentos. Por estas razões, no momento de decidir as coordenadas de construção deste passeio, estes foram os pontos de referência. Os desafios que experimentámos na definição deste passeio foram, no entanto, mais difíceis de contornar do que nos outros que já havíamos construído, pois tratava-se da primeira vez que desenhávamos um passeio numa cidade (os outros haviam sido desenhados em aldeias ou em pequenas vilas), e também da primeira vez que tínhamos de estudar e selecionar uma quantidade imensa de informação histórica. Relativamente a este último aspeto temos de sublinhar a ajuda que temos tido de historiadores locais que, a título gracioso, garantem que a informação incluída nas narrativas dos itinerários está correta.

**Figura 3 – Castelo de Silves**



Depois deste trabalho, o itinerário ficou com os habituais sete pontos de paragem dispostos num percurso linear de dois quilómetros, que se realiza a pé no espaço de duas horas e meia.



O primeiro ponto de paragem é a Praça al-Mu'tamid, um local onde o visitante lê um texto que contextualiza a cidade e a sua história, e fica a saber que Silves se situava outrora no *al-Gharb* – o território mais ocidental do Andaluz (a Península Ibérica na época muçulmana) – e que incluía as atuais regiões do Algarve e Alentejo. Nos restantes pontos de paragem – Torreão das Portas da Cidade; o Museu de Arqueologia; Antiga Sé Catedral de Silves; o Castelo; Ermida da Nossa Senhora dos Mártires e Ponte Velha (dita Romana) – o visitante tem a oportunidade de ler textos de poetas que escreveram sobre esta cidade, quer na atualidade quer no passado, quando a presença árabe foi determinante para a construção desta cidade.

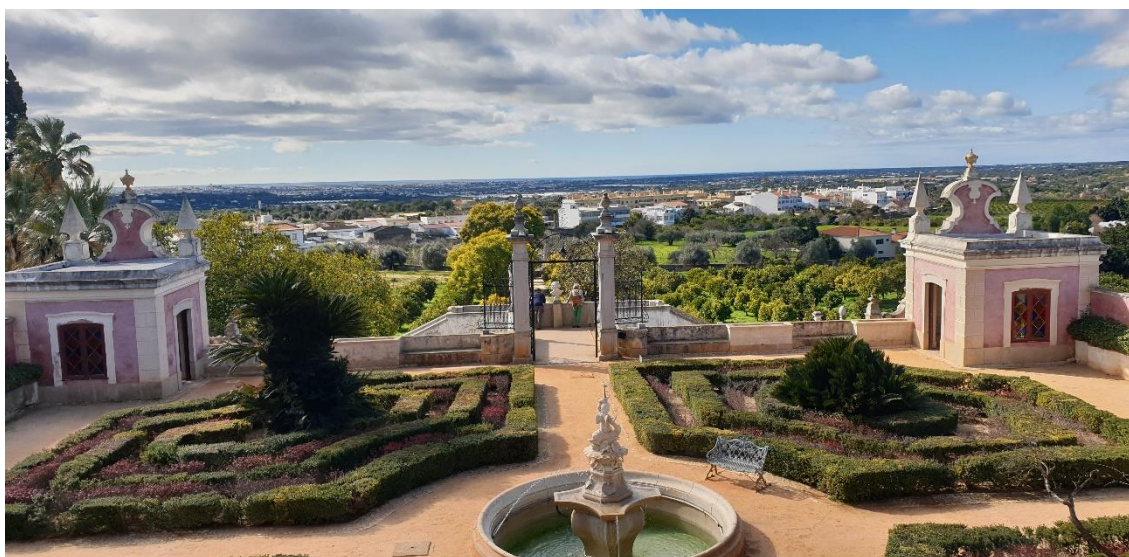
## 2.4 Passeio literário de Estoi

Estoi é uma pequena aldeia com cerca de 3 700 habitantes, a 9 km de Faro, para a qual criámos um passeio circular com 1,5 km e a duração de aproximadamente 2 horas.

À semelhança do que fizemos nos restantes itinerários, procurámos identificar algumas características predominantes deste espaço, em torno das quais pudéssemos desenvolver a narrativa. Em Estoi, sobressaíram de imediato a abundância de água na aldeia e nos seus arredores (que está na origem desta localidade), a forte presença da agricultura e do comércio e as tradições que ainda hoje lhe estão associadas, e a relevância dos poetas locais, pelo que são estes os pilares do nosso texto. E, assim, nasceu um percurso que tem início no Chafariz do Largo da Liberdade (associado a um poema exposto da autoria de Emiliano da Costa), segue em direção ao Largo Humberto Delgado, onde se encontra um monumento ao poeta Emiliano da Costa, depois em direção ao ponto onde, em torno de uma fonte, nasceu a aldeia, o Largo Ossónoba. Junto a este largo encontra-se o ponto de paragem seguinte, o edifício do Antigo Mercado de Estoi, atualmente afeto à Junta de Freguesia local, que aí expõe parte do espólio de Emiliano da Costa. O itinerário prossegue com a ida até à casa de Emiliano da Costa, ponto de paragem a propósito do autor, mas também por ser o ponto onde termina a importante Festa da Pinha, junto à Ermida do Pé da Cruz. O ponto seguinte é a Rua da Barroca, a mais tradicional da aldeia e também aquela onde se encontra exposto, em painel de azulejos, o poema Cabecinha de Milreu, de

Jorge de Sena, prosseguindo com a visita ao Palácio de Estoi e terminando com o regresso ao Largo da Liberdade.

**Figura 4 – Vista do Palácio. Estoi**



Ao longo do percurso que une estes pontos, vamos contando um pouco da história da aldeia, interligando-a com escritores que aqui nasceram, viveram, que a visitaram ou que sobre ela escreveram, como Emiliano da Costa, Jorge de Sena, José Saramago, e dois poetas populares naturais de Estoi, Joaquim Aleixo e José Parente.

No nosso texto focámo-nos, na história, com particular enfoque, na vida quotidiana da aldeia no início e meados do século XX, no trabalho da terra e na importância das tradições religiosas e pagãs. Com efeito, um aspeto que sobressai em Estoi é o forte apego da população às tradições. E isso vê-se na organização de jogos florais, de charolas (canções de boas vindas ao ano novo), dos maios (colocando, no dia 1 de maio, bonecos, feitos artesanalmente à porta das casas), na participação em massa na Festa da Pinha (que une todas as gerações), mas também na forma como a comunidade acarinha os seus poetas populares. É, portanto, uma pequena aldeia na qual facilmente se traça um mapa literário muito rico.

**Figura 5 – Festa da Pinha. Estoi.**



## 2.5 Passeio literário de São Brás de Alportel

No caso do passeio de S. Brás, a nossa narrativa circunscreve-se a uma época específica e a um conjunto de figuras que habitaram a vila nessa época. Falamos do final do século XIX e princípio do século XX, a época de ouro da vila, quando o comércio e a transformação da cortiça, o comércio de frutos secos e a atividade bancária estiveram na origem das fortunas de várias famílias locais e atraíram muitas outras que aí fizeram fortuna.

O itinerário parte do Largo de São Sebastião, onde se encontra o Monumento a Bernardo de Passos e tem como segundo ponto de paragem a casa onde o poeta nasceu. O ponto seguinte é a casa onde nasceu Roberto Nobre, frente ao quarto ponto de paragem, o adro da Igreja Matriz. O visitante é convidado a prosseguir em direção ao Paço Episcopal, onde efetua uma paragem, depois até à Fonte Nova e Lavadouro. O penúltimo ponto situa-se em frente ao Museu do Traje, e o passeio termina com o regresso ao Largo de São Sebastião.

**Figura 6** – Monumento ao poeta Bernardo de Passos, no Largo de São Sebastião. São Brás de Alportel.



Porque na época a que este itinerário se reporta o número de famílias ricas era anormalmente alto em São Brás de Alportel, o número de jovens que tiveram acesso à educação também foi muito superior à média nacional (Duarte, 2008: 107). Assim, encontramos aqui no início do século XX um grupo de jovens que regra geral eram médicos ou advogados e que, paralelamente desenvolviam uma forte atividade cultural e política, e que se relacionavam entre si e com as restantes figuras de relevo do Algarve.

Neste itinerário apresentamos textos de Bernardo de Passos, Boaventura Passos, Rosalina de Passos, José Dias Sancho e Emiliano da Costa, mas também excertos retirados de uma recolha da tradição oral feita pelo sanbrasense Estanco Louro. E falamos ainda de Roberto Nobre, que não foi escritor, mas ilustrou muitas obras literárias, sendo as mais conhecidas, as do seu grande amigo Ferreira de Castro.

## 2.6 Caminhada literária do Ameixial

Criar a Caminhada Literária do Ameixial (assim designada por se pretender que integre um festival de caminhadas que ali se realiza) foi um dos nossos maiores desafios. É uma

caminhada desenhada para uma pequena aldeia da Serra do Caldeirão com menos de 200 habitantes.

Até ao início dos anos 80 do século XX, o Ameixial era um ponto de passagem obrigatório para todos os que se deslocavam ao Algarve ou do Algarve em direção ao resto do país. Era uma aldeia muito movimentada e plenamente habitada. Porém, a construção de uma nova via de ligação do Algarve ao Alentejo levou à sua quase desertificação.

**Figura 7** – Casas com signos da Escrita do Sudoeste, intervenção artística “Paisagem e Memória”, de Sara Navarro. Aldeia do Ameixial.



Não existindo escritores com ligações ao Ameixial, esta ausência da identificação autor / espaço físico que normalmente subjaz à criação dos itinerários literários foi um grande desafio e um grande estímulo. Com efeito, perante esta aparente dificuldade, optámos por fazer do itinerário do Ameixial um percurso ao longo do qual mostramos como é a serra algarvia e como é a vida na serra algarvia recorrendo às palavras de um conjunto de

autores. Encontrámos apenas dois textos que referem diretamente o Ameixial: um poema e uma lenda, a lenda da moira do Ameixial, pelo que os restantes textos foram selecionados por referirem elementos característicos de toda a Serra do Caldeirão (fauna, flora, atividades económicas, emigração). Os autores selecionados foram: José Galvão Balsa, António Aleixo, Salazar Moscoso, Teresa Rita Lopes, Fiamma Hasse Pais Brandão, Leonel Neves e João Braz Machado.

**Figura 8 –** Inauguração da Caminhada Literária do Ameixial.



Definimos sete pontos de paragem dentro e fora da aldeia, alguns em pleno campo. O seu alinhamento permite ir caminhando e contando a história da aldeia e de toda a serra em que se situa. Evidenciamos os elementos naturais e a associação destes elementos (medronho, alfarrobeiras, oliveiras) a atividades económicas locais (produção de mel, aguardente, queijo), ao mesmo tempo que esclarecemos o porquê do abandono da serra.

### 3. O processo de construção dos itinerários

Sobre o processo de construção dos itinerários, admitimos que o começamos de uma forma bastante intuitiva e, neste momento, quando já temos mais de seis passeios prontos a ser realizados autonomamente pelos visitantes, podemos dizer que muito daquilo que aprendemos foi adquirido durante o próprio processo de fazer os itinerários. Isto, porque, quando iniciamos este processo, não tínhamos experiência na produção deste tipo de passeios. No entanto, também não podemos esquecer os princípios que recolhemos na literatura especializada (como por exemplo, Figueira, 2013 e Saretzki, 2013), mas, sem dúvida, precisámos da experiência no terreno para chegar ao seguinte esquema metodológico, que fundamentalmente se desenvolve em nove etapas (mesmo que algumas tenham de ser executadas mais do que uma vez):

- Etapa 1: Visitar o local e identificar os lugares literários;
- Etapa 2: Pesquisar as biografias do(s) autor(es), os seus textos e bibliografia sobre o local;
- Etapa 3: Entrevistar habitantes locais (sobre os autores e sobre a história do local);
- Etapa 4: Visitar o local e definir os pontos de paragem;
- Etapa 5: Redigir a narrativa, incluindo direções de caminhos e, pelo menos, um texto literário em cada ponto de paragem;
- Etapa 6: Visitar o local e testar a narrativa (as distâncias, a coerência entre textos e pontos de paragem; a ordem dos pontos de paragem; a duração; a informação em falta)
- Etapa 7: Rever a narrativa;
- Etapa 8: Pedir a um voluntário que teste o Passeio;
- Etapa 9: Escrever a versão final da narrativa (de modo a que o passeio possa ser realizado autonomamente pelos visitantes).

## Conclusão

Em cada um dos itinerários da Rota Literária do Algarve há uma pedra de toque que define o tema e, em consequência, os textos literários a selecionar: em Alte, foi a vida e a poesia de Cândido Guerreiro; em Silves, a história e a herança árabe da cidade; no Ameixial, os elementos naturais e arquitetónicos da serra algarvia e, em Sagres, a história dos Descobrimentos portugueses e um dos seus mais evidentes símbolos: o Infante D. Henrique. É quase como se com cada um destes passeios, criássemos um protocolo de leitura a partir do qual os visitantes vão interpretar o espaço e os elementos ao alcance do seu olhar.

Para além das essenciais referências literárias aos textos e aos autores, estes itinerários contêm informação sobre a geografia, a história, as tradições, os mitos, o artesanato, a atividade económica, a gastronomia, a arquitetura vernácula, o património monumental, as atrações turísticas, as figuras históricas ou outras de relevância associadas ao espaço em causa. Por todas estas características, estes itinerários têm um potencial de utilização não só no contexto do turismo, mas também no contexto escolar pois são um modo diverso de aprender sobre a região. Daí que o objetivo da Rota Literária do Algarve seja também o de promover um conjunto de atividades de divulgação junto das escolas, bibliotecas, câmaras municipais, juntas de freguesia e associações culturais, para garantir que estes itinerários não se limitarão ao seu potencial turístico.

Adicionalmente, estes passeios literários podem ser um modo de envolver os habitantes mais velhos destes locais (de um modo geral, os nossos itinerários são em locais onde a população tem já alguma idade). Por este motivo, o plano de comunicação da Rota prevê a organização e lecionação de cursos de capacitação para a comunidade, de modo a formar guias locais para acompanhar os grupos de visitantes. Para além destes objetivos, o facto de cada um dos passeios ser traduzido em três línguas (inglês, espanhol e francês) faz com que os autores algarvios (muitos contando apenas com edições de autor ou edições dos municípios) sejam lidos por uma ampla comunidade de leitores estrangeiros.

Em suma, a Rota Literária do Algarve é um projeto académico que ambiciona chegar até aos visitantes da região, mas também aos estudantes e aos menos jovens, sempre com a intenção de revelar a dimensão literária e cultural desta província a sul.



## Referências bibliográficas

Bernardo, C.A.P.S. (2013). *Contributo para a recuperação do turismo no Algarve: Da imagética à gestão territorial*. Dissertação de mestrado não publicada. Lisboa: Instituto Superior de Educação e Ciência.

Crouch, G. I. & Ritchie, J. R. (1999). Tourism, competitiveness, and societal prosperity. *Journal of Business Research*, 44, 137–152.

Duarte, Afonso da Cunha (2008). *Memórias de São Brás de Alportel. Vol. 2 - Terras de Alportel*. São Brás de Alportel: Casa da Cultura António Bentes.

Figueira, L.M. (2013). *Manual para elaboração de roteiros de turismo cultural*. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar.

Guerreiro, M., Vale, P.O. & Mendes, J. (2011). Algarve events: Implications for the Algarve image. *Tourism*, 59(2), 183-202.

Matos, N. (2014). *The impacts of tourism experiences in the destination image: a marketing perspective*. Tese de doutoramento não publicada. Faro: Universidade do Algarve.

Raimundo, Hélder (1995). *Alte, aldeia cultural - Polo Museológico do Esparto*. Alte: Junta de Freguesia de Alte.

Saretzki, A. (2013). Literary trails, Urban Space and the Actualization of Heritage. *Alma Tourism: Journal of Tourism, Culture and Territorial Development*, 8, 61-76.

Torga, M. ([1950]1986). *Portugal*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.